



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO (UNIVS)
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

KARINA DE SOUSA FERNANDES

ADOCIMENTO PSÍQUICO E SUBJETIVIDADE HUMANA: uma perspectiva sob a
Abordagem Centrada na Pessoa

Icó/CE
2025

KARINA DE SOUSA FERNANDES

ADOCIMENTO PSÍQUICO E SUBJETIVIDADE HUMANA: uma perspectiva sob a
Abordagem Centrada na Pessoa

Pesquisa apresentada ao curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para obtenção de aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II), sob a orientação do(a) professor (a) Ma. Sandra Mary Duarte.

Icó/CE
2025

KARINA DE SOUSA FERNANDES

ADOCIMENTO PSÍQUICO E SUBJETIVIDADE HUMANA: uma perspectiva sob a
Abordagem Centrada na Pessoa

Pesquisa apresentada ao curso de psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para obtenção de aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II), sob a orientação do(a) professor (a) Ma. Sandra Mary Duarte.

Aprovado(a) em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA:

Ma. Sandra Mary Duarte

Professora Orientadora

Ma. Isabela Bezerra Ribeiro

Professora Avaliadora 1

Esp. Lorena Lorayne Teixeira de Carvalho

Professora Avaliadora 2

ADOCIMENTO PSÍQUICO E SUBJETIVIDADE HUMANA: uma perspectiva sob a Abordagem Centrada na Pessoa

Karina de Sousa Fernandes¹
Ma. Sandra Mary Duarte²

RESUMO

A compreensão dos transtornos mentais, em suas origens, esteve intensamente relacionada à clínica tradicional, a qual o entendimento do sofrimento psíquico se fundamentava através das categorizações diagnósticas. Nesse sentido, surgiram perspectivas distintas que buscavam contrapor com esse modelo de saúde mental, entre elas a Abordagem Centrada na Pessoa, que propõe um olhar humanista voltado à valorização da subjetividade e à experiência singular de cada indivíduo. Assim, o objetivo geral desta pesquisa se constituiu em compreender a concepção da Abordagem Centrada na Pessoa sobre os transtornos mentais. Para isso, foi realizada uma pesquisa documental e de caráter qualitativo, contendo como fonte principal o vídeo “Entrevista com Glória” (1965), a qual foi analisado, interpretado e discutido sobre as condições necessárias para criar um clima terapêutico propício a mudanças significativas no cliente. O material documental analisado, evidenciaram que a Abordagem Centrada na Pessoa compreende o sofrimento psíquico como uma expressão da incongruência entre o autoconceito e a experiência vivida. Desse modo, ao proporcionar um ambiente terapêutico acolhedor e autêntico, oportuniza o acesso ao mundo interno do cliente, possibilitando construir novos caminhos e significados sobre si, sem reduzir as classificações diagnósticas.

Palavras-chave: Transtornos mentais. Adoecimento psíquico. Abordagem Centrada na Pessoa.

ABSTRACT

The understanding of mental disorders, in their origins, has been intensely related to traditional clinical practice, in which the understanding of psychic suffering was based on diagnostic categorizations. In this sense, distinct perspectives emerged that sought to counter this model of mental health, among them the Person-Centered Approach, which proposes a humanistic view focused on valuing subjectivity and the unique experience of each individual. Thus, the general objective of this research was to understand the Person-Centered Approach's conception of mental disorders. To this end, a documentary and qualitative research was carried out, using as its main source the video "Interview with Gloria" (1965), which was analyzed, interpreted, and discussed regarding the necessary conditions to create a therapeutic climate conducive to significant changes in the client. The documentary material analyzed showed that the Person-Centered Approach understands psychic suffering as an expression of the incongruence between self-concept and lived experience. Thus, by providing a welcoming and authentic therapeutic environment, it offers access to the client's inner world, enabling them to build new paths and meanings about themselves, without reducing diagnostic classifications.

Keywords: Mental disorders. Psychological illness. Person-centered approach.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a compreensão dos transtornos mentais esteve fortemente vinculada à clínica tradicional, a qual entendia o sofrimento psíquico mediante as classificações diagnósticas. Com isso, o movimento antipsiquiátrico buscou questionar o modelo de saúde mental predominante na época, isto é, as práticas terapêuticas adotadas, gerando críticas à desumanização e à baixa eficácia no cuidado ao adoecimento psíquico (Havrelhuk; Langaro, 2020).

Nesse contexto, surge a psicopatologia fenomenológica-existencial, cujo marco histórico se concedeu com a obra de Karl Jaspers “*Psicopatologia Geral*” (1913), e aprofundada por autores como Martin Heidegger e Merleau-Ponty, a qual propõe uma mudança de paradigma ao compreender o adoecimento psíquico não como um conjunto de sintomas a serem categorizados (Tenório, 2008).

A psicopatologia fenomenológica-existencial parte do entendimento sobre o adoecimento psíquico a partir da experiência subjetiva de cada indivíduo, considerando o modo em como este indivíduo se relaciona consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Assim, se consiste em reconhecer, o modo de ser e de estar-no-mundo, expressando o sentido que o indivíduo atribui a sua experiência (Tenório, 2008).

Sendo assim, um transtorno mental é caracterizado por uma síndrome que se constitui por um conjunto de sinais e sintomas, que afeta a maneira de pensar, sentir e/ou agir, ou seja, interferindo na cognição, na regulação emocional, e/ou comportamento, apontando alguma alteração nos processos psicológicos, biológicos e/ou desenvolvimento. Desse modo, os transtornos mentais se manifestam causando sofrimento significativo e, conseqüentemente, prejudicando nas atividades diárias, no convívio social, no trabalho ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo (American Psychiatric Association, 2023).

A discussão sobre o ser humano e os transtornos mentais contém pontos de vistas distintos, dentre eles, especificamente a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Rogers, baseado em sua experiência profissional e seus estudos teóricos. Assim, a visão de homem e de mundo para Rogers se direciona na concepção de que todo indivíduo tem a capacidade inata ao crescimento, amadurecimento e a autorregulação, ao qual denominou como tendência atualizante. Nesse contexto, a compreensão da ACP diante dos transtornos mentais se caracteriza em considerar o indivíduo em sua totalidade orgânica, ao invés de somente se centralizar aos transtornos mentais e diagnósticos (Souza; Callou; Moreira, 2013, p. 190).

Segundo Rogers, em seu livro *Um Jeito de Ser* (2010, p. 38-39), a capacidade ao crescimento que existe em cada indivíduo, pode se considerar latente ou evidente, em virtude do cliente não ter consciência desses vastos recursos que possui dentro de si. Portanto, na prática clínica do psicólogo que atua sob essa abordagem terapêutica, se concentra em atuar conforme as atitudes facilitadoras criadas por Carl Rogers, como autenticidade/congruência, empatia e consideração positiva incondicional.

No manejo clínico frente aos transtornos mentais, mantém-se alinhado às atitudes facilitadoras, priorizando a valorização da singularidade do indivíduo no processo de psicoterapia, como também o acolhimento e o suporte emocional, com o foco centrado na pessoa e na construção da relação terapêutica. A escuta e a presença genuína do terapeuta, oportuniza um espaço seguro que possibilita ao cliente acessar seus recursos internos para ser construído caminhos mais saudáveis e autênticos (Souza; Callou; Moreira, 2013, p. 191).

Dessa forma, considerando os impactos significativos que os transtornos mentais causam na vida do indivíduo, como também a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa em relação a essa questão, a problemática se concedeu em: Como a Abordagem Centrada na Pessoa compreende, em sua teoria e prática, o adoecimento psíquico para além das classificações diagnósticas?

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender, por meio de uma revisão documental, a concepção da Abordagem Centrada na Pessoa sobre os transtornos mentais. Como objetivos específicos, busca-se: discutir sobre o adoecimento psíquico na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa; apresentar a atuação do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa diante do adoecimento psíquico; e analisar como as atitudes facilitadoras contribuem para o acolhimento do sofrimento psíquico.

Embora Carl Rogers não utilize o termo “transtorno mental” em sua teoria, o uso dessa expressão nesta pesquisa, tem o propósito de contextualizar o tema, servindo como ponto de partida para discutir sobre a visão que a Abordagem Centrada na Pessoa possui em relação a este parâmetro. Considerando isso, ao empregar essa denominação, busca-se propor uma perspectiva distinta mediante a uma compreensão humanista.

Por conseguinte, esta pesquisa torna-se importante para discutir acerca da concepção da Abordagem Centrada na Pessoa sobre os transtornos mentais, como também, destacar sobre a atuação do psicólogo que atua sob essa abordagem, que tem como prioridade a valorização da subjetividade do indivíduo para além dos rótulos diagnósticos.

Portanto, o interesse em investigar sobre os transtornos mentais na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, é em razão da admiração pelo legado de Carl Rogers, como

também no intuito de proporcionar a ampliação sobre o assunto, e mostrar o quanto é essencial considerar o indivíduo em sua totalidade ao invés de focar somente nos transtornos mentais. Em virtude desse motivo surge a relevância de realizar uma compreensão mais aprofundada e fundamentada cientificamente.

Deste modo, esta pesquisa direciona-se para a contribuição do campo teórico da abordagem, como também para estudantes de psicologia, profissionais da área da saúde mental e indivíduos que se interessem pelo assunto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE HISTÓRIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A origem da Abordagem Centrada na Pessoa ocorreu no dia 11 de dezembro de 1940, na Universidade de Minnesota, que proporcionou uma palestra ministrada por Carl Ransom Rogers, o qual era psicólogo e pesquisador da Universidade de Ohio. A palestra se destinava sobre “Os mais recentes conceitos em psicoterapia”, retratando o que havia de mais inovador no âmbito da psicoterapia naquele período. Através de sua experiência clínica e os resultados das pesquisas que realizava na universidade, Carl Rogers apresentou quatro aspectos que acreditava que havia sido adotada pela maioria dos psicoterapeutas recém-formados (Tambara; Freire, 1999, p. 35).

Na palestra Rogers abordou que a Abordagem Centrada na Pessoa acredita na tendência atualizante do indivíduo em prol da maturidade e saúde, em direção ao crescimento pessoal, como também que o processo de psicoterapia proporciona um destaque maior as circunstâncias imediatas ao invés do passado e por último evidenciou o foco nos sentimentos e a compreensão da experiência vivida no momento presente. Essa ocasião suscitou críticas e elogios às características citadas por Rogers, mas também possibilitou tornar evidente que a abordagem possui um caráter singular, inovador e transformador (Tambara; Freire, 1999, p. 35).

A Abordagem Centrada na Pessoa pertenceu ao movimento humanista-existencial que constituíam teóricos que buscaram questionar na área da psicologia e da psicoterapia, com o objetivo de desenvolver abordagens teóricas que fosse centrado na ênfase da experiência humana, conseqüentemente menos patologizantes (Belmino, 2021, p. 25-26)

A psicologia humanista integrou contribuições de pensadores que faziam parte do movimento como Carl Rogers, Abraham Maslow e Rollo May, que partilhavam ideias como a

valorização do potencial humano, como também o questionamento que levaram as críticas sobre as concepções reducionistas em relação ao ser humano sobre os mecanismos inconscientes e comportamentais, respectivamente das teorias psicanalítica e behaviorista. A finalidade do movimento era defender a dignidade humana, compreendendo o ser como livre, a qual possui uma capacidade inata que levaria ao crescimento pessoal e no desenvolvimento de suas múltiplas potencialidades (Belmino, 2021, p. 25-26).

Carl Rogers foi um importante membro do movimento humanista-existencial, tendo suas indagações sobre os pontos de vistas das teorias dominantes da época sobre os tratamentos terapêuticos, visto que Carl Rogers tinha um pensamento divergente sobre os modelos de tratamento. De acordo com seus aprofundamentos nos estudos, pesquisas e trabalhos, foi possível desenvolver uma abordagem que estivesse direcionada na vertente de que no processo de psicoterapia seja proporcionada condutas facilitadoras para o crescimento do indivíduo, ao invés de enxergar somente para o ajustamento comportamental diante da patologia do indivíduo (Santos, 2023).

Moreira (2010), menciona que a Abordagem Centrada na Pessoa, passou por diferentes percursos ao longo do desenvolvimento da teoria, dentre elas a fase não-diretiva e a fase experiencial. A primeira fase se destina a não-diretividade, que significa que o terapeuta tinha uma atitude de neutralidade na relação, onde o cliente era mais ativo, visto que, esta fase gerou críticas sobre a forma de atuação do psicólogo neste contexto.

Em seguida, se constituiu a fase experiencial, que prioriza a experiência subjetiva do cliente, a autenticidade do terapeuta e o encontro na relação de ajuda, pois a finalidade é facilitar o cliente a se conectar com sua experiência para proporcionar uma maior congruência do seu autoconceito, ou seja, o terapeuta passa a ser ativo no encontro existencial com o cliente (Moreira, 2010).

Em razão dessa virtude, Carrenho, Tassinari e Silva (2010, p. 61), consideram que a Abordagem Centrada na Pessoa é distinta das demais abordagens diante da perspectiva de não utilizar técnicas padronizadas, por esta razão acredita-se que o manejo na relação de ajuda é acreditar na tendência atualizante.

Assim, a tendência atualizante compreende que “todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento” (Rogers, 1977, p. 159).

As três atitudes oferecidas por parte do psicólogo proporcionam um ambiente facilitador para o processo, sendo a compreensão empática, autenticidade/congruência, e consideração positiva incondicional. Nesse contexto, a escuta genuína do psicólogo

oportuniza o acesso aos sentimentos e pensamentos do cliente que possibilita facilitar a realizar escolhas coerentes com base na sua experiência (Carrenho; Tassinari; Silva, 2010, p. 61).

Na Abordagem Centrada na Pessoa, existem alguns conceitos importantes, como o conceito de self, também denominado de noção do eu, estrutura do eu e autoconceito, refere-se à percepção que o indivíduo constrói sobre si mesmo e sobre a sua própria realidade. Se denomina como uma representação subjetiva e dinâmica, desenvolvida através da interação com meio, a qual o indivíduo adquire experiências que contribui para a formação do seu self (Rogers; Kinget, 1977, p. 44).

Assim, para Rogers (1992, p. 549-550), a experiência é uma vivência única e significativa para cada indivíduo, pois é um campo fenomenológico que abrange tudo o que o indivíduo experimenta ao seu redor que pode ser percebida conscientemente ou não. Este campo fenomenológico é um mundo subjetivo de cada ser humano, que somente ele sabe o significado, em razão de cada pessoa ter a sua particularidade e percepções distintas.

A compreensão empática é a capacidade de se colocar de maneira genuína no lugar do outro, compreendendo seu mundo subjetivo a partir de como ele percebe e vivencia sua própria experiência. Quando há compreensão empática, o terapeuta suspende genuinamente os seus preconceitos, valores e crenças, para estar verdadeiramente presente e compreensivo diante do que o cliente está sentindo e vivenciando. Através desta atitude facilitadora é criado um ambiente seguro e acolhedor para o indivíduo, possibilitando uma conexão com seus próprios sentimentos, oportunizando ser quem a pessoa realmente é (Carrenho; Tassinari; Silva, 2010, p. 68-70).

Segundo Rogers (2009, p. 23), “Descobri que quanto mais conseguir ser genuíno na relação, mais útil esta será”. A genuinidade refere-se à congruência/autenticidade do terapeuta em ser verdadeiro consigo mesmo e com o cliente, ou seja, ser quem ele é na relação terapêutica, expressando de maneira consciente e honesta seus sentimentos e pensamentos no momento presente. Por essa razão, a autenticidade é fundamental para construir e manter um vínculo de confiança na relação, favorecendo o aprofundamento no processo vivencial do cliente.

A aceitação positiva incondicional é uma atitude do terapeuta de respeitar o cliente em sua singularidade, independente dos seus sentimentos e de seu comportamento, é estar presente com o cliente sem julgamento de forma inteira e ativa. O psicoterapeuta aceita a pessoa em sua totalidade sem querer modificá-lo, isto é, compreendendo o indivíduo conforme a sua subjetividade a partir de suas experiências. A partir desta atitude facilitadora,

permite com que o cliente se sinta confiante para ser ele mesmo, de acordo com o que está vivenciando e sentindo, no objetivo do indivíduo se perceber para construir o seu próprio caminho (Carrenho; Tassinari; Silva, 2010, p. 80-82).

Essas atitudes facilitadoras permitem que o ambiente terapêutico proporcione ao cliente validação e o acolhimento dos seus sentimentos e emoções, escuta ativa sobre sua experiência, e demonstração de compreensão, assim sendo, princípios fundamentais na relação de ajuda entre o psicoterapeuta e o cliente. Portanto, apesar da tendência atualizante ser inata ela precisa ser estimulada para a mudança terapêutica acontecer no cliente, por este motivo, as condições facilitadoras são posturas de suma importância na relação terapêutica, uma vez que propicia um processo de crescimento no qual o cliente constrói suas próprias descobertas e escolhas para sua vida (Carrenho; Tassinari; Silva, 2010, p. 69-83).

2.2 A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA SOBRE OS TRANSTORNOS MENTAIS

Os transtornos mentais causam sofrimento psíquico significativo para o indivíduo que o possui, no entanto, mesmo diante desta aflição psíquica o ser humano dispõe da capacidade de processamento da sua própria experiência conforme os recursos que tem dentro de si. Neste sentido, a experiência vivida pode estar dissociada nos indivíduos que estão em adoecimento psíquico intenso (Warner, 2006).

Desta maneira, na Abordagem Centrada na Pessoa, a centralidade não se refere a tratar a patologia em si, mas é com base na compreensão no indivíduo em busca de uma reorganização interna e a construção de um sentido autêntico para sua experiência vivida, a qual é realizada de acordo com o ritmo do cliente, para evitar rótulos diagnósticos e sociais (Warner, 2006).

A perspectiva de Carl Rogers sobre os transtornos mentais é compreendida na ênfase da valorização da subjetividade para além de classificações diagnósticas, visto que, na Abordagem Centrada na Pessoa, o sofrimento coexiste com o crescimento, pois a saúde mental neste contexto é entendida como uma distorção da autenticidade e congruência, entre o que sente, pensa e demonstra. Sendo assim, Abordagem Centrada na Pessoa contém a concepção que o sofrimento psíquico faz parte da experiência subjetiva e das relações humanas, a qual contrapõe uma interpretação distinta do modelo médico classificatório que centralizava o foco na patologia (Souza; Callou; Moreira, 2013, p. 191-193).

Na conversa entre Carl Rogers e Richard Evans (1979, p. 52), Rogers aborda sobre que a incongruência se refere à divergência entre a experiência que está vivenciando e o autoconceito que o indivíduo tem sobre si. No processo terapêutico busca-se proporcionar uma maior congruência entre o self e a experiência, com o propósito do indivíduo se torne consciente do que está vivenciando.

Nesse sentido, integra o que pensa, sente, e demonstra, de maneira que estes aspectos estejam alinhados, possibilitando uma experiência mais harmônica entre o self e a experiência. Ademais, pontua-se a importância do terapeuta ser congruente e autêntico na relação terapêutica, agindo verdadeiramente para não interferir no processo, sendo isso um elemento essencial para favorecer a fluidez na terapia (Rogers; Evans, 1979, p. 52).

Ademais, em outra interlocução, desta vez com o filósofo Martin Buber (2008) p. 238), Carl Rogers menciona sobre que não sente que existe uma diferença na relação que estabelece com os clientes que possuem transtornos mentais distintos, como também com clientes que não apresentam nenhum transtorno mental. Uma vez que, o que tornaria essencial é o encontro de pessoa-a-pessoa, e não o rótulo psiquiátrico, pois seria este encontro real, que possibilita a experiência entre as duas pessoas, a qual teria a maior probabilidade da mudança suceder no processo terapêutico.

Dessa maneira, Rogers cita que no primeiro atendimento, o seu pensamento era tomado com o intuito de compreender o cliente para além de rótulos diagnósticos, pois seria através da compreensão que o encontro entre duas pessoas ocorreria e iria propiciar uma relação de ajuda, visto que, o foco seria proporcionar um ambiente favorável para o cliente e na construção de uma relação terapêutica, o que levaria a um amadurecimento e crescimento do cliente (Rogers; Buber, 2008, p. 239).

A Abordagem Centrada na Pessoa, não ignora a concepção dos transtornos mentais, pois é fundamental que o terapeuta compreenda o que o indivíduo está vivenciando em sua totalidade, considerando a história de vida, sentimentos, emoções, experiências e entre outros aspectos. Visto que é a partir deste entendimento que o terapeuta atua alinhado com as atitudes facilitadoras, as quais aceitam o indivíduo na sua experiência subjetiva, sem expressar julgamentos diante dos transtornos mentais (Mota, 2014, p. 203).

A tendência atualizante se faz presente apesar do impacto significativo do transtorno mental na vida do indivíduo. Rogers, em sua obra “Um Jeito de Ser”, menciona que a

tendência atualizante não se restringe somente aos seres humanos, mas também se refere ao mundo em sua totalidade, ou seja, a um sentido holístico da existência. Ademais, os indivíduos que têm algum transtorno mental, se dispõem da capacidade de crescimento pessoal e desenvolvimento de suas potencialidades (Souza; Callou; Moreira, 2013, p. 191).

Segundo Warner (2006), a Abordagem Centrada na Pessoa é válida para casos de transtornos mentais devido ao seu modo de funcionamento, a qual se torna essencial para a promoção da saúde mental, possibilitando proporcionar qualidade de vida para indivíduos que vivenciam sofrimento psíquico intenso, em virtude de ser uma abordagem que valoriza a autonomia, o desenvolvimento e as potencialidades do ser humano, de forma respeitosa e ética. Ademais, enfatiza que as práticas em saúde mental devem se manter a princípio a esta perspectiva.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa refere-se a uma revisão documental, de caráter qualitativo, fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa desenvolvida por Carl Rogers. Segundo Gil (2002), a pesquisa documental consiste em um tipo de investigação que utiliza como fonte principal documentos que ainda não foram analisados, interpretados e discutidos de modo científico, ou seja, que ainda não passaram por um tratamento analítico.

Sendo assim, essa modalidade de pesquisa permite ao pesquisador analisar materiais já existentes de maneira crítica e contextualizada, possibilitando novas interpretações e compreensões acerca do fenômeno que está sendo estudado. Ademais, na pesquisa documental são utilizados materiais como gravações, cartas pessoais, diários, documentos conservados em arquivo de órgãos públicos e instituições privadas como associações científicas, sindicatos, partidos públicos e entre outros (Gil, 2002).

O método de investigação, foi de natureza qualitativa, sendo uma abordagem importante que se fundamenta detalhadamente na compreensão e na interpretação da temática que está sendo estudada. Desse modo, a pesquisa qualitativa constitui-se na investigação pelo entendimento dos fenômenos, na ênfase da experiência subjetiva e da diversidade de concepções, que busca entender as dimensões dos contextos sociais, culturais e individuais (Guerra *et.*, 2024).

O documento selecionado para a análise documental desta pesquisa, foi o vídeo intitulado “Entrevista com Glória” (1965), disponibilizado no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=xnO5ZoNJmEM&t=680s>), acessado em 06 de outubro

de 2025. A escolha deste material seguiu critérios específicos de inclusão, sendo considerados apenas materiais que apresentassem clareza na exposição dos conceitos teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa, e que proporcionassem uma compreensão evidente da demonstração prática da atuação de Carl Rogers como facilitador do processo terapêutico.

Desse modo, como critério de exclusão, foram desconsiderados os materiais que não abordavam de maneira clara e detalhada as atitudes facilitadoras, como também materiais com conteúdos incompletos, com baixa qualidade de imagem e áudio, e que não estivessem disponíveis com legenda em língua portuguesa.

Assim, o vídeo “Entrevista com Glória” (1965), destacou-se por apresentar esses critérios de inclusão. Através deste vídeo, tornou-se possível analisar não somente a teoria exposta por Carl Rogers, mas também a prática, em como Rogers aplica as atitudes facilitadoras no momento terapêutico com Glória. Por estes motivos, o vídeo foi definido como fonte central para análise documental desta pesquisa, que tem como base a teoria e a prática de Carl Rogers.

Portanto, a análise documental foi organizada em duas partes, conforme a estrutura do vídeo selecionado. A primeira parte refere-se a Carl Rogers relatando sobre as condições necessárias para criar o clima terapêutico, representando o aspecto teórico. Enquanto na segunda parte, corresponde a entrevista de Rogers com Glória, a qual ilustra, na prática, a aplicação dessas atitudes facilitadoras.

Em síntese, os trechos mais significativos foram destacados e interpretados à luz dos pressupostos teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa, buscando compreender como essas atitudes se manifestam e revelam sobre a compreensão do adoecimento psíquico na perspectiva da teoria de Carl Rogers.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na busca pelos materiais audiovisuais, os descritores utilizados na plataforma YouTube foram: “Carl Rogers”, “Carl Rogers e casos”, “Carl Rogers e entrevistas”. A partir desses descritores, foram encontrados diferentes vídeos disponíveis na plataforma, com temáticas diversas relacionadas à teoria e a prática de Carl Rogers. Os vídeos identificados foram analisados conforme os critérios de inclusão e exclusão.

O quadro I a seguir mostra os vídeos encontrados conforme os critérios de inclusão e exclusão.

Quadro I-Seleção dos vídeos encontrados no YouTube

Nome do vídeo	Link	Vídeo Selecionado
Carl Rogers Aconselhamento Psicológico	Carl Rogers Aconselhamento psicologico	Não
Carl Rogers Entrevista com Peter Ann (1985)	Carl Rogers entrevista Peter Ann (1985)	Não
Entrevista com Richie (1983)	Entrevista com Richie (1983)	Não
Rogers sobre a importância da congruência	Rogers sobre a importância da congruência	Não
Entrevista com Glória (1965)	Entrevista com Gloria (1965)	Sim

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta pesquisa (2025).

No vídeo da entrevista concedida por Carl Rogers (1965), é apresentado através de sua experiência, na prática de psicoterapia, quais são as condições necessárias para proporcionar o clima terapêutico que favoreça uma mudança significativa no cliente. Embora Rogers não nomeie diretamente as atitudes facilitadoras, mas mediante as suas reflexões e questionamentos, puderam evidenciar a presença da congruência/autenticidade, aceitação positiva incondicional e compreensão empática.

Por conseguinte, Rogers menciona sobre a congruência/autenticidade, quando questiona: “*Posso ser real no relacionamento?*”. Este questionamento vai ao encontro ao que o próprio Rogers já havia afirmado em sua obra *Torna-se Pessoa* (2009, p. 23), quando especifica referente a esta atitude, que quanto mais o terapeuta for transparente na relação, demonstrando de maneira consciente e autêntico com seus próprios sentimentos, possibilitaria tornar a relação mais terapêutica, transformadora, e conseqüentemente facilitadora do crescimento pessoal e da autocompreensão do cliente.

Complementando o que Carl Rogers expõe, Carrenho, Tassinari e Silva (2010 p. 74), esclarecem a relevância de, ao expressar seus sentimentos, é fundamental que seja comunicado cuidadosamente diante do momento vivencial com o cliente, deixando claro que se refere somente da sua própria percepção e não uma interpretação definitiva do outro.

Portanto, ao articular essas ideias, permite compreender com mais clareza quando Rogers relata no decorrer do vídeo, no que diz respeito a esta atitude facilitadora, que o seu propósito é possibilitar ao cliente reconhecer que não há nada para ser ocultado na relação.

No segundo questionamento, observou-se evidenciar a presença de mais uma atitude facilitadora, sendo está a consideração positiva incondicional, quando Rogers interroga: “*Será que me perceberei gostando desta pessoa?*”, “*Importando-me com esta pessoa?*”. Rogers (2009, p. 23), descreve essa atitude, referindo-se que o processo de psicoterapia se inclina a ser mais construtiva quando o terapeuta sente aceitação e apreço por esse cliente, isto é, reconhecendo o indivíduo como um ser único e de valor, independente de suas atitudes, pensamentos e sentimentos.

Dessa maneira, o cliente ao perceber a aceitação genuína do terapeuta, este passa a se sentir valorizado, aceito e compreendido. É através dessa experiência de ser acolhido sem julgamentos que se constrói um vínculo de confiança, baseada em respeito, autenticidade e aceitação incondicional.

Ao analisar sob a ótica de Carrenho, Tassinari e Silva (2010), percebe-se a coerência com o que Rogers expressa, pois os autores destacam que esta atitude é especificamente oferecida por parte do terapeuta, quando este demonstra está inteiro e presente no encontro com o outro, o que oportuniza uma maior liberdade para o cliente acessar e explorar a sua própria experiência.

Dessa forma, em seu último questionamento, Carl Rogers menciona: “*Serei capaz de entender o mundo interno dessa pessoa?*”, “*Serei capaz de ver através de seus olhos?*”, “*Serei suficientemente sensível para mover-me em direção ao mundo de seus sentimentos e me sentir como ela se sente, para que eu possa entender não só os significados que estão na superfície como os subjacentes mais profundos?*”.

Mediante a essas reflexões, constata-se a compreensão empática, indicando a disponibilidade e o interesse do terapeuta em se emergir profundamente ao mundo interno do cliente, ou seja, quando o terapeuta está compreendendo empaticamente, ele está se adentrando na experiência do outro, buscando entender como esse indivíduo percebe seus sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Sob essa perspectiva, em consonância com Carrenho, Tassinari e Silva, (2010. p. 71), reforçam essa concepção ao citarem que a compreensão empática é estar aberto a experiência do outro juntamente com o cliente, como também é estar em uma conexão na relação de ajuda de forma sincera, espontânea e profunda, caminhando conforme o ritmo do cliente no processo terapêutico.

Assim, essa atitude fornece um ambiente acolhedor e compreensível, a qual é proporcionado ao cliente se sentir interessado ao compartilhar suas experiências, ao saber que o terapeuta se mostra realmente atento e sensível em ouvir suas dificuldades, preocupações e sua trajetória pessoal.

Quando Rogers certifica no início da entrevista ao dizer que: “*Se conseguir criar o clima, o relacionamento e as condições apropriadas, o processo de mudança terapêutica inevitavelmente ocorrerá no meu cliente*”. Ao final do primeiro momento da entrevista, ele retoma esse pensamento, detalhando que a presença dessas condições facilitadoras na relação terapêutica viabiliza proporcionar mudanças significativas no cliente, ao ter a oportunidade de explorar profundamente aspectos ocultos que não estavam nítidos em sua consciência, podendo haver assim, um processo de autocompreensão.

Em seu livro “Tornar-se Pessoa” (2009, p. 24), Rogers discorre que quando o indivíduo está inserido em um clima terapêutico adequado, a tendência atualizante tende a se manifestar, em virtude do cliente, ao experienciar as atitudes facilitadoras, passa a se compreender melhor, tornando-se mais consciente de si e se reorganizando diante de suas questões em direção a construir seu próprio caminho de forma mais autônoma, madura e autêntica.

A segunda parte do vídeo da análise documental se destina a entrevista entre Carl Rogers e Glória, a qual foi observado a aplicação prática dos princípios teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa. Na entrevista, a interação de Carl Rogers e Glória, possibilitou compreender de modo mais perceptível o que Rogers já havia exposto anteriormente no começo do vídeo, a qual foi destacado sobre quais seriam as condições necessárias para estabelecer o clima terapêutico.

Inicialmente, Rogers dirige-se a Glória dizendo: “*Gostaria de saber o que está lhe preocupando*”. Essa fala, a princípio, revela um ponto primordial na atuação do psicólogo que atua sob a Abordagem Centrada na Pessoa. Pois, ao perguntar sobre o que está preocupando o cliente, é demonstrado o foco nas emergências subjetivas no momento presente, deslocando uma visão centrada em problemas e/ou sintomas para uma compreensão embasada na experiência do cliente.

A interpretação apontada corrobora com o que Souza, Callou e Moreira (2013, p 190), apresenta no que corresponde sobre o ponto de vista da Abordagem Centrada na Pessoa, referindo-se que o olhar do terapeuta está voltado para uma compreensão do aprofundamento autêntico das questões internas, ao invés de reduzi-la a rótulos diagnósticos. Assim, observa-se que essa atitude inicial de Rogers, abre espaço para que Glória acesse seus

sentimentos e pensamentos, como também, se concretiza na prática os princípios teóricos da ênfase centrada na pessoa.

Essa maneira de comunicar ao cliente, é exposto ao que o próprio Rogers descreve em seu diálogo com Martin Buber (2008, p. 239), quando se refere que no primeiro contato com o cliente, busca-se estabelecer um encontro autêntico, baseado no entendimento desse cliente para além de classificações diagnósticas. Esse pensamento de Rogers, se interliga ao que os autores Carrenho, Tassinari e Silva (2010, p. 61) mencionam que o manejo na terapia especificamente dessa abordagem é fundamentada na criação de uma relação e espaço de confiança, onde a maior probabilidade da tendência atualizante seja liberada.

Essa perspectiva é reforçada ao verificar-se que em nenhum momento na entrevista, Carl Rogers buscava interpretar e/ou rotular as questões pessoais de Glória, e sim, desempenhava um papel de facilitador, construindo, ao longo da entrevista, um diálogo traçado na investigação de sua experiência, na finalidade de promover um processo reflexivo para auxiliar Glória no esclarecimento de suas próprias demandas.

Portanto, neste processo reflexivo, Rogers mostrou-se congruente/autêntico, a partir de quando compartilhava sua percepção e compreensão que estava havendo sobre Glória, de modo cuidadoso e verdadeiro. Ao prover essa atitude de transmitir seus sentimentos e pensamentos que estavam presentes em sua consciência, criou-se uma comunicação autêntica, que contribuiu para o fortalecimento do vínculo terapêutico.

Ademais, foi viável reconhecer a aceitação positiva incondicional, quando Rogers acolhia e validava as preocupações sem emitir julgamentos, mesmo quando Glória expressava sentimento de culpa e insegurança. Tendo em visto disso, Carl Rogers se certificava com sua postura ativa e genuinamente interessado, demonstrando consideração e respeito pela experiência subjetiva da cliente.

A presença da compreensão empática no percurso do atendimento, foi identificado em como Carl Rogers demonstrou a sua disponibilidade e interesse genuíno a experiência de Glória, buscando compreender seu campo fenomenológico e seu autoconceito. Essa atitude empática tornou-se evidente quando Rogers se manteve presente e compreensivo, como também não permitindo que seus valores, crenças e preconceitos interferissem na relação terapêutica.

A concepção do autor Warner (2006), quando destaca sobre o sofrimento psíquico, quando cita que o indivíduo se dispõe da capacidade de processamento segundo os recursos que possui dentro de si. Tal compreensão associa-se quando Glória, mesmo diante de seu

sofrimento, nota-se sua disponibilidade durante o encontro em busca de uma reorganização interna em direção a um sentido mais autêntico dela mesma.

Sendo assim, tanto esses aspectos apresentados, bem como, o uso destas atitudes facilitadoras, tornou-se perceptível que ao longo da entrevista contribuiu para que suas experiências fossem externalizadas, compreendidas e ressignificadas. Com isso, percebeu-se o estabelecimento do clima terapêutico, a qual se evidenciou no momento em que Glória conseguiu acessar seu mundo interior, se conscientizando sobre suas questões internas no aqui e agora, obtendo um maior esclarecimento sobre o que estava lhe preocupando.

Ademais, Glória ao ter a oportunidade de está inserida em um ambiente propício a mudanças significativas, foi identificada uma maior percepção sobre si mesma, que viabilizou a serem construídos suas próprias descobertas, e conseqüentemente, a realização de escolhas mais autênticas para sua vida.

Dessa forma, verifica-se a convergência entre as observações efetuadas, assim como, sobre o que o autor Warner (2006) esclarece acerca de quando o indivíduo está vivenciando um adoecimento psíquico, sua experiência pode estar desconectada, isto é, os pensamentos, sentimentos e comportamentos não estão de forma integrados entre si.

Esse entendimento está em consonância com o que Rogers declara em sua conversa com Richard Evans (1979, p. 52), quando aponta que o objetivo na relação de ajuda é promover uma maior sintonia na representação subjetiva que o indivíduo possui sobre ele mesmo e a sua experiência.

Em suma, a análise documental apresentada sobre as condições necessárias para promover o clima terapêutico, revela que a congruência/autenticidade, aceitação positiva incondicional e compreensão empática, se constituem pilares essenciais na relação terapêutica, como também, para o acolhimento do sofrimento do indivíduo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa sobre os transtornos mentais, discutindo como essa concepção entende o adoecimento psíquico para além de classificações diagnósticas. Essa finalidade norteou a elaboração deste trabalho, demandando uma análise aprofundada de pontos indispensáveis, desde os aspectos históricos da Abordagem Centrada na Pessoa, até o ponto de vista de como a abordagem compreende o sofrimento psíquico nomeado de transtorno mental.

A expressão transtorno mental, é utilizada recorrentemente no senso comum para designar os impactos significativos que determinados problemas e/ou sintomas causam na vida do indivíduo. Assim, o uso deste termo nesse estudo, buscou-se na finalidade de contextualizar a discussão, e evidenciar a compreensão da Abordagem Centrada na Pessoa sobre os transtornos mentais. Desse modo, verificou-se que norteou de maneira pertinente para a construção desta pesquisa alcançando os objetivos propostos.

A partir desse contexto e através dos resultados obtidos revelou-se que a Abordagem Centrada na Pessoa apresenta um entendimento distinto em relação a este parâmetro. Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico não é visto como uma classificação diagnóstica, mas como uma expressão da incongruência entre o self e a experiência vivida do indivíduo. Com isso, afirma-se que a Abordagem Centrada na Pessoa se concentra em compreender o adoecimento psíquico sem reduzir a rótulos diagnósticos, reconhecendo o indivíduo em busca de uma reorganização interna diante de seu sofrimento.

Conforme nos resultados analisados, destaca-se que, quando o cliente está inserido em espaço terapêutico tendo como base a escuta e presença genuína do psicólogo juntamente com as condições facilitadoras, percebeu-se que favorece para que este se sinta aceito e valorizado. Com isso, aponta-se que o psicólogo ao atuar como facilitador do processo terapêutico, viabiliza ao cliente a entrar em contato com si, ampliando a percepção sobre sua experiência subjetiva, permitindo com que possa realizar seus próprios julgamentos e escolhas mais autênticas para sua vida.

Ademais, os achados do material escolhido para a análise documental, demonstrou que a compreensão empática, congruência/autenticidade e aceitação positiva incondicional se constituem como elementos essenciais para a criação de um clima terapêutico. Portanto, ao serem analisadas sobre o uso destas condições facilitadoras, mostraram-se fundamentais para o acolhimento do sofrimento psíquico, ao promover o crescimento pessoal e a valorização do potencial humano, tornando-se o cliente mais consciente sobre sua experiência, adquirindo a evidência dos vastos recursos que possui dentro de si.

Por conseguinte, entre as limitações encontradas neste estudo, refere-se a não ter uma quantidade significativa de materiais relacionados sobre a temática de transtorno mental sob a ótica da Abordagem Centrada na Pessoa. Tal constatação demonstrou o quanto o tema ainda é pouco explorado no campo científico, sendo sugerido que futuras pesquisas possam aprofundar sobre a relação entre a Abordagem Centrada na Pessoa e a compreensão do adoecimento psíquico, a fim de ampliar o assunto e fortalecer a discussão.

Portanto, esta pesquisa constituiu-se na finalidade de contribuir para o campo teórico da Abordagem Centrada na Pessoa, ao aprofundar e suscitar um processo de reflexão sobre a compreensão do adoecimento psíquico para além de classificações diagnósticas. Sendo assim, ao enfatizar a singularidade e a experiência subjetiva de cada indivíduo, este estudo amplia a discussão sobre os modos de entender o sofrimento humano a partir de uma concepção humanista. Dessa forma, esta pesquisa busca fortalecer a produção científica voltada a ACP, estimulando para novas reflexões que valorizem o olhar para o ser humano em sua totalidade e autenticidade.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BELMINO, Marcus César. **Os movimentos humanista-existencial e fenomenológico-existencial na Psicologia: Entrelaçamentos Históricos em uma narrativa breve**. 1. ed. Porto Alegre: Simplissimo, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Os_movimentos_humanista_existencial_e_fe.html?id=AI1UEAAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&hl=pt-BR&newbks=1&newbks_redir=0&gboemv=1&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 2 maio 2025.

CARRENHO, Esther; TASSINARI, Márcia; PINTO, Marcos Alberto da Silva. **Praticando a abordagem centrada na pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010.

CORRÊA, Giocemar Nunes Santos. **A importância da psicologia humanista e fenomenológica da abordagem centrada na pessoa como resposta às angústias de hoje**. BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia, v. 41, n. 35, p. 1-21, 2023. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/730600488/A-Importancia-da-psicologia-humanista-e-fenomenologica-da-abordagem-centrada-na-pessoa-como-respostas-as-angustias-de-hoje>>. Acesso em: 27 out. 2025.

EVANS, Richard I. **Carl Rogers - O homem e suas idéias**. Martins Fontes: São Paulo, 1979. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/582892553/Carl-Rogers-O-Homem-e-Suas-Ide-ias>>. Acesso em: 14 maio 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, A. de L. e R.; STROPARO, T. R.; COSTA, M. da; CASTRO JÚNIOR, F. P. de; LACERDA JÚNIOR, O. da S.; BRASIL, M. M.; CAMBA, M. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 15, n. 7, p. e4019, 2024. Disponível em:

<<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019/2531>>. Acesso em: 22 maio 2025.

HAVRELHUK, Jucimar; LANGARO, Fabíola. História de Lino: a psicopatologia na perspectiva da fenomenologia e do existencialismo. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 39-52, abr. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 out. 2025.

MOREIRA, Virginia. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 537-544, 2010.

MOTA, Catarina Pinheiro. Não diretividade: avaliação, diagnóstico e a terapia centrada no cliente. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 198-205, dez. 2014.

ROGERS, Carl. Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 14, n. 2, p. 233-243, 2008.

ROGERS, Carl. **Psicoterapia e relações humanas**. V. 1. Cap. 10. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/1Q4SrsEWkcYzj2HiFooCQROpI5WokV0Q5>>.

Acesso em: 24 maio 2025.

ROGERS, Carl. **Terapia centrada no cliente**. Cap. 11. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/1Q4SrsEWkcYzj2HiFooCQROpI5WokV0Q5>>.

Acesso em: 24 maio 2025.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. Disponível em:

<<https://drive.usercontent.google.com/download?id=11VjwrIYUyCIXJmpU1d-tTz8Aiu9xJ2yG&authuser=0&acrobatPromotionSource=GoogleDriveGridView>>.

ROGERS, Carl. **Um Jeito de Ser**. 8. reimp. São Paulo: Epu, 2010. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Q4SrsEWkcYzj2HiFooCQROpI5WokV0Q5>>.

Acesso em: 3 nov. 2025.

SOUZA, Camila Pereira de; CALLOU, Virgínia Torquato; MOREIRA, Virginia. A questão da psicopatologia na perspectiva da abordagem centrada na pessoa: diálogos com Arthur Tatossian. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 189-197, dez. 2013.

TAMBARA, Newton; FREIRE, Elizabeth. **Terapia centrada no cliente: teoria e prática - um caminho sem volta...** Participação especial: Jerold D. Bozarth. Porto Alegre: Delphos, 1999. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/home>>. Acesso em: 26 maio 2025.

TENÓRIO, Carlene Maria Dias. A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica-existencial. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 1, n. 1, 2008 Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/271170128_A_psicopatologia_e_o_diagnostico_nu_ma_abordagem_fenomenologica-existencial>. Acesso em: 1 nov. 2025.

WARNER, Margaret S. Rumo a uma teoria integrada centrada na pessoa de bem-estar e psicopatologia. **Psicoterapias centradas na pessoa e experienciais**, v. 5, no. 1, pág. 4-20, 2006.